

HISTÓRIA LOCAL

O caso singular da escuna “Porto Formozo”
e a construção naval açoriana (continuação)

JORGE LEÃO

Lista dos navios mercantes construídos nos Açores registados ou com passaportes passados até 1850 no Arquivo Histórico da Marinha, em Lisboa.

Nota prévia: Nesta lista não se contemplam as embarcações de pequeno porte, de pesca ou de cabotagem, tão abundantes nas ilhas. Só mais tarde se podem encontrar registos destas embarcações.

Também não se contemplam os navios mercantes de rota constante nos Açores, de propriedade e de onomástica naval açoriana, mas construídos no continente português ou no estrangeiro, que são muitas (*o patacho “Paquete da Terceira”, construído em Vila do Conde; o iate “Paquete dos Açores, do micalense José Furtado de Arruda, construído em Esposende; a barca “Cidade de Angra”, de Frutuoso da Costa Pessoa, de construção francesa, etc.*). Também não se contemplam aquelas, construídas fora, que chegaram ao arquipélago em diversos estados de inavergabilidade, por isso arrematadas, e que a construção naval açoriana restaurou e recuperou (*a escuna “Águia Restaurada”, de construção inglesa, que os residentes João Francisco de Sousa e Jacinto Inácio de Medeiros arremataram em hasta pública na Alfândega de Ponta Delgada, por ter naufragado nas praias de Vila Franca do Campo em 13 de Dezembro de 1848; a escuna “Pomona”, de construção francesa, que José Inácio Pimentel, negociante da Horta arrematou na Alfândega de Horta por ter entrado no porto da cidade em estado de inavergabilidade; o brigue “Açor” que António Jacinto Jorge Botelho, comerciante de S. Miguel, transformou de um patacho estrangeiro que tinha sido encontrado abandonado em alto mar, etc.*).

ILHA DE SANTA MARIA

Villa do Porto (Escuna) – 87 toneladas. Const. 1839; por ordem de João Gago da Câmara, residente na ilha; prop. João Gago da Câmara.
Porfia (Escuna) – 32 toneladas – Const. de data desc.; doc. 1849; prop. João Severino Gago da Câmara; capitão Manuel José Machado.

ILHA DE S. MIGUEL

Porto Formozo (Escuna) – 129 toneladas. Const. 1836; no Porto Formozo; por ordem e por conta de Simplício Gago da Câmara; prop. Simplício Gago da Câmara.
Gago (Iate) – 54 toneladas. Const. 1842; em Vila Franca do Campo; por ordem e por conta de Simplício Gago da Câmara, residente em Vila Franca do Campo; prop. Simplício Gago da Câmara.

ILHA TERCEIRA

Faisca (Brigue) – 145 toneladas. Const. de data desc.; passaporte de 1846; prop. João Severino d’Avellar e António da Silva Baptista; capitão João de Deus Severino. Em Abril de 1847 passa a propriedade brasileira.

ILHA DE SÃO JORGE

Senhora do Carmo (Barco) – 25 toneladas. Const. 1831; por ordem de Gaspar Teixeira e Jorge de Sousa, residentes na ilha.

Tres Amigos (Iate) – 59 toneladas. Const. de data desc.; nav. em 1840; prop. Manuel José Machado; mestre Jacomo José Brasil.

São Bernardo (Iate) – 43 toneladas. Const. 1835; por ordem de Manuel José Machado e Miguel Inácio, residentes na ilha; prop. dos mesmos, “a cada um metade do seu quinhão”.

Boa União Dois Amigos (Iate) – 82 toneladas. Const. 1839; por ordem e por conta de José Inácio Brasil, residente na ilha; prop. José Inácio Brasil.

Nova Sociedade (Iate) – 66 toneladas. Const. 1842; na vila da Calheta; prop. Miguel Inácio Brasil e Manuel José Machado, residentes na ilha. Em 1849, prop. Manuel Ferreira Barbosa; mestre Mateus Franco Delgado.

Triunfo Oliveira (Iate) – 45 toneladas. Const. 1843; por ordem de Manuel José Bettencourt, residente na ilha; prop. Manuel José Bettencourt; mestres Boaventura Machado Fontes (1846) e Manuel José Machado Junior (1848).

Leonor (Escuna) – 78 toneladas. Const. de data desc.; doc. 1849; prop. Manuel José de Sequeira; mestre Manuel José Antunes.

ILHA DO PICO

Pedro (D.) (Iate) – 27 toneladas. Const. de data desc.; passaporte de 1845; prop. Diogo Maria de Morais; mestre José Pereira de Medeiros.

ILHA DO FAIAL

Maria José (Escuna) – 77 toneladas. Const. 1829; por ordem e por conta de José Francisco da Terra Brum, residente na Horta; prop. José Francisco da Terra Brum.

Esperança (Iate) – 31 toneladas. Const. 1837; por ordem e por conta de Félix José Rodrigues, residente na ilha. Em 1844, prop. Joaquim Aflalo; mestre José Francisco Praça. Em 1850, registada como escuna.
Amizade (Escuna) – 89 toneladas.

Const. 1839; por ordem e por conta de António Garcia da Rosa; prop. do mesmo. Em 1842, prop. Francisco da Cruz da Silva Reis, residente na ilha; capitão José Maria da Silva Jones. Em 1849, prop. José Ignácio Pimentel; capitão Manuel Mariano Leal.

Nythroy (Brigue) – 145 toneladas. Const. 1841; prop. José Severino d’Avellar e António Severino d’Avellar.
Constância (Brigue-Escuna) – 145 toneladas. Const. 1841; por ordem de João Crisóstomo, João de Almeida Lima e António José Ferreira Rocha, residentes na ilha; prop. dos mesmos, “tendo cada socio, hum terço do seu quinhão”. Em 1845 passa a chamar-se Amélia; prop. João de Almeida Lima e António José Ferreira da Rocha; mestre Francisco Maria Alves. Em 1849, prop. José Ignácio Pimentel; mestre Francisco Maria Alves.

Açor (Iate) – 33 toneladas. Const. de data desc.; passaporte de 1845; prop. Bernardino Pereira da Cunha.

Anna Adelaide (Brigue) – 120 toneladas. Const. de data desc.; doc. 1848; prop. Francisca Maria Rosa de Sousa; capitão António Nunes Ferreira. Em 1849, prop. António José Bento de Sousa; capitão Ignácio José d’Araújo.

ILHA DAS FLORES

Santo António Senhora dos Milagres (Escuna) – 51 toneladas. Const. 1835; por ordem e por conta de João Peixoto da Silveira, residente na ilha; prop. João Peixoto da Silveira.

Providência (Escuna) – 39 toneladas. Const. de data desc.; nav. em 1840; prop. Diogo Maria de Moraes; mestre o mesmo.

Novo Viajante (Patacho) – 62 toneladas. Const. de data desc.; doc. 1848; prop. José dos Reis Cordeiro & C.ª; capitão João José da Graça.

Como se pode ver, pelos documentos existentes, em 1836, ano da construção da escuna “Porto Formozo”, de 129 toneladas, já se sabia da construção, na ilha do Faial, de uma escuna de menores dimensões: a “Maria José”, de 77 toneladas, de 1829. E só cinco anos mais tarde, em 1841, se irão construir na ilha do Faial outras embarcações com mais de 100 toneladas. Em 1836, a escuna “Porto Formozo” é a maior construída até então.

Mas como é, nesses tempos, o quotidiano marítimo dos Açores? Que tipo de embarcações frequentavam as ilhas? Como eram e o que faziam? Onde tinham sido construídas? De

1840 já dispomos dos registos de entradas e saídas de navios nos três principais portos dos Açores e podemos assim ver a sua afluência e ter uma ideia da vida marítima das águas açorianas nesse ano.

Ponta Delgada – Registam-se 438 entradas de navios; 216 de portugueses, 214 de ingleses, 4 de americanos, 2 de Sardos, 1 de brasileiro. Explica-se a afluência inglesa pelo comércio da laranja que vive agora o seu período áureo. São na maioria escunas que vêm de Inglaterra sem carga para carregarem caixas de laranja na Ilha de S. Miguel. Começam a aparecer em Outubro mas é em Dezembro que o movimento é mais intenso, o que corresponde à época de apanha desta fruta. No mês de Dezembro de 1840 estão registadas 77 entradas de navios em Ponta Delgada. 65 são de navios ingleses.

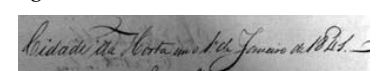
Por serem na maioria idênticas, são provavelmente estas escunas que, anos antes, inspiraram Gago da Câmara a construir a sua no Porto Formozo.



Angra do Heroísmo – Registam-se 157 entradas de navios; 84 de portugueses, 65 de ingleses, 3 de americanos, 2 de brasileiros, 1 de espanhol e 1 de francês. A forte presença inglesa deve-se também aqui ao “ciclo da laranja”.



Horta – Registam-se 297 entradas de navios; 74 de portugueses, 175 de americanos, 38 de ingleses, 6 de franceses, 3 de brasileiros e 1 de espanhol. Na Horta o movimento é completamente diferente. São as grandes barcas e galeras baleeiras americanas que escolhem este porto para tudo o que precisam, antes de voltarem para a faina, no Atlântico. Reabastecem-se de água e mantimentos, baldeiam óleo de baleia, recorrem a uma reparação naval muito experiente e contratam tripulação. A época alta é no verão. No mês de Agosto de 1840 registaram-se no porto da Horta 61 entradas de navios, sendo 52 de navios americanos, maioritariamente grandes barcas e galeras de 200 e 300 toneladas. ■



(Continua)